

RESSONÂNCIAS NIETZSCHIANAS na educação contemporânea

*Lilian Miranda Magalhães **

Resumo: Essa escrita objetiva apresentar relatos de experiências que se constituem de atravessamentos de forças, que tomam forma nos encontros entre autores, filósofos, colegas em suas outras experiências. Considerando as itinerâncias da formação docente como um movimento que se faz nos deslocamentos nômades, relato aqui uma dialogia na qual se faz ouvir vozes possíveis.

Palavras-chave: Fluxos; Docência; Filosofia; Educação

Abstract: *This writing aims to present reports of experiences that consist of crossing forces, which take shape in the encounters between authors, philosophers, colleagues in their other experiences. Considering the itinerancy of teacher education as a movement that takes place in nomadic displacements, I report here a dialogue in which possible voices are heard.*

Key-Words: *Flows; Teaching; Philosophy; Education*

* Doutora em Alimentos, Nutrição e Saúde pela Universidade Federal da Bahia, professora de Nutrição – UNIJORGE

Esta minha vida teve início há quatro décadas. Ao longo desse tempo, a orfandade tornou-me um ser conectivo, aberta à muitas filiações e depois à maternidade. Enquanto me torno e me transformo nutricionista no exercício da docência, tenho realizado aquilo que costumo chamar de nomadismos epistemológicos. E penso que a minha presença aqui seja efeito destes deslocamentos.

Sob inspirações nietzschianas, trago comigo uma tessitura de fragmentos cartográficos. Um manuscrito povoado por Fernand Deligny, Ailton Krenak, Moisés Alves, Midian Garcia, Clarice Lispector, Roberto Sidnei Macedo, Jorge Larossa Bondía, Maria do Carmo Soares de Freitas, Solange Nunes, Maria Carolina de Jesus, João Rigaud. Convido-os a me acompanhar por entre os movimentos desses ensaios analíticos.

Neste último sábado, uma cena chamou a minha atenção. Era um homem negro, de pé, às margens da pista, em meio ao trânsito. O corpo sujo, cabelos desgrenhados, roupas desgastadas pelo tempo, empunhava um pedaço de papelão no qual estava escrito em letras maiúsculas: “Fome tenho”. O sinal abriu. Segui. A imagem seguiu comigo. Poucos quilômetros à frente havia outro homem, também negro, corpo emagrecido, outro cartaz de papelão. Não foi possível ler completamente. Ainda assim foi possível constatar que o teor do anúncio era o mesmo. Dois cartazes, dois homens, uma realidade representada pela grafia da palavra “fome”.

Quem seriam aqueles homens, cujos apelos se davam nas imediações de dois grandes shoppings desta desigual cidade? Quais seriam os seus nomes, as suas histórias de vida? O que poderiam vir ser se a fome não os tivesse impellido a estar naquele lugar?

Em meio às reflexões que desde então se processam em mim, lembrei-me do relato de um homem que conheci idoso. Ele contava que durante a sua infância, entre as décadas de trinta e quarenta, havia vivido a experiência da fome. Mas, segundo ele não era a “fome rigorosa”, a fome da completa escassez:

Morando onde eu morei, dificilmente alguma criança podia passar o dia inteiro sem comer. Podia passar até um mês, por exemplo, sem comer feijão, sem comer carne e isso tinha repercussões, claro. Mas, não passava sem comer porque havia manga, havia jaca, havia banana, havia tudo isso. Além do mais havia ovos também de galinhas andarilhas que punham pelo quintal dos outros, que punham no mundo. Portanto, o seu terreno era o mundo. E, portanto, eu era um menino do mundo e achava os ovos. (SESCTV, 2019)

Orientado por ideais civilizatórios e lógicas capitalistas, o processo de urbanização do espaço citadino interferiu no acesso físico aos alimentos (VIANNA, 1994; ASSUNÇÃO; DANTAS, 2018). Por onde andavam aqueles homens não havia árvores ou galinhas. Apenas asfalto, pessoas apressadas, carros em movimento.

Tais narrativas não têm o objetivo de causar tristeza, piedade, lamentação. Não é isso o que essa mesa propõe. Precisamos ir além. Serão o nosso ponto de partida e, pelas idas e vindas desse texto, elas serão revisitadas.

O mundo da vida sedia forças. Múltiplas, heterogêneas forças, que constituem a complexa dinâmica das vidas em relação, dentre as quais Nietzsche destaca as forças ativas e reativas. Os atos regidos por forças reativas são respostas às forças ativas, buscando criar oposição, contraposição, obstrução. E, assim, reage para anular o que age (NIETZSCHE, 1990; ONFRAY, 2014; NIETZSCHE, 2017; NIETZSCHE, 2019).

Ante as forças ativas demonstradas pelos povos indígenas e pelos povos negros escravizados neste vasto território

que habitamos, forças reativas foram ampliadas para opor, contrapor, obstruir e anular a sua presença insurgente e criadora no mundo. A fome foi-lhes imposta. A fome, uma das mais brutais formas de opressão, foi também um modo de cercear a sua liberdade e estabelecer a dominação. E a fome continua atravessando os séculos.

Ao resgatar as histórias das nossas famílias ou de pessoas próximas, a maior parte de nós certamente encontraria relatos da escassez, da insuficiência da comida no cotidiano. Embora nem sempre o termo “fome” estivesse necessariamente presente nessas narrativas. Meu pai costumava contar: “A comida de láíá era tão boa! Pena que era pouquinha”. Ele era o mais velho dos sete filhos de uma mulher semianalfabeta, sem emprego formal, que ficou viúva aos trinta e dois anos. Era a década de 1940.

O que fazer diante da fome-violência, da fome-violação de direitos, da fome-negação da vida digna? O que fazer diante das fomes como produções sociais, associadas à precariedade que impõem a inércia pela mortificação do corpo e da alma daqueles que vivem? Como educadora, como lidar com essa situação de extrema vulnerabilidade social e biológica?

Provocar vontade de vingança, reações violentas? Promover o afastamento desta dolorosa realidade, ignorando-a, naturalizando-a? Associar-me aos discursos que defendem a heteronomia e a moralidade em torno da alimentação e intentam justificar a mensuração numérica da fome e a vigilância constante pelos sujeitos dos sinais fisiológicos da saciedade para a contenção das circunferências corporais? Trabalhar a partir da fome emocional, fome mental e outros tantos tipos que constituem a taxonomia defendida pela vertente da Nutrição que não raramente se associa e serve ao neoliberalismo? Orientar a formação para uma Nutrição elitista, lucrativa para alguns segmentos e contríbuiem para a distorções semânticas que convertem e submetem a cidadania ao consumo? E caberia ainda interrogar: Que forças estariam orientando tais ações?

Na semana do Dia Mundial da Alimentação, fui convidada a abordar o tema. Ao compreender que a fome é causa e efeito de forças reativas, que provocam a diminuição da nossa potência de agir, não seria possível ignorar a realidade e apenas comemorar tal data. Escrevi um pequeno texto:

Se é pela incorporação de partículas constitutivas do que denominamos alimentos, que o mundo adentra o nosso corpo para integrá-lo e assim manter a sua vitalidade... Como pensar a alimentação senão como um direito? Um direito de todos?

Se é pelo entrelaçamento de aromas, texturas, sabores, saberes, sentidos e significados, que a alimentação se constitui historicamente... Como pensar sobre tal fenômeno sem considerar a interdependência entre os seres?

Se é pelo trabalho cotidiano de outros atores no cultivo, colheita, transporte, processamento, oferta ou comercialização que, o que eu como, chega ao meu prato... Como levar a comida até a boca sem considerar que comer invariavelmente envolve solidariedade e relações que se realizaram antes desse momento?

Se habitamos um vasto e fértil território no qual são produzidas mais de 250 milhões de toneladas de alimentos por ano... Como não se surpreender com os dados última Pesquisa de Orçamentos Familiares que revelou que mais de 10 milhões de brasileiros convivem com a fome? A fome que fere a dignidade daqueles que agonizam por não ter o que comer. Eles somos nós. E tais dados foram anteriores à pandemia.

Mas, não é surpresa. Na década de 40, em “Seara Vermelha” Jorge Amado, o célebre escritor (que dá nome à nossa instituição), já denunciava a fome dos agricultores. Um triste e secular paradoxo que expressa profundas desigualdades estruturais.

Como não se atentar para as lógicas e valores vigentes, que há tanto tempo oprimem grande parte da população?

E sendo assim, como reconhecer a grandiosidade da vida? De todas as vidas? E a partir daí, como reconhecer a diversidade como uma marca do nosso povo e a biodiversidade que caracteriza este lugar que nos abriga?

Como reconhecer a legitimidade da nossa comida? Como desenvolver posturas mais politizadas, conscientes que relacionem as práticas no âmbito privado aos sistemas de produção economicamente justos e sustentáveis?

Certamente teremos que empreender lutas que não se restrinjam à doação de cestas básicas, mas que se articulem pela implantação e execução de políticas públicas pela Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

No Dia Mundial da Alimentação, é preciso compreender que todo dia é dia de ir adiante, construir, não desistir. Todo dia é dia de “esperançar” no sentido freiriano do termo e qualificar os nossos modos de atuar para que um dia todos os seres humanos tenham acesso à alimentação em quantidade e qualidade adequadas, de modo regular e permanente.

E neste dia, cada bocado de comida será pleno de justiça social, sustentabilidade ambiental, respeito mútuo.

Não será a realização de uma utopia. Mas, a constatação da garantia de direitos humanos fundamentais – terra, trabalho, renda, moradia, educação, saúde, alimentação.

E terá chegado o dia em que constataremos: Transformamo-nos! E assim, transformamos o mundo!

Em consonância com as ideias de Spinoza, Nietzsche assumia um objetivo: “fazer do conhecimento o maior dos afetos”.

Ainda sob tal perspectiva, compreender a gênese dos afetos reativos poderia contribuir para transformá-los, transmutá-los e compreender a gênese dos afetos ativos ajudaria a fortalecê-los. Ou seja, ao provocar deslocamentos do pensamento seria possível desnaturalizar fenômenos oriundos da desigualdade social, como a fome e assim dar origem a outros modos de agir. Construir posturas afirmativas da vida, tal como é. Posturas que identifiquei em uma música:

No dia 14 de maio, eu saí por aí / Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir / Levando a senzala na alma, eu subi a favela / Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci / Zanzei zonzo em todas as zonas da grande agonia / Um dia com fome, no outro sem o que comer / Sem nome, sem identidade, sem fotografia / O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver / No dia 14 de maio, ninguém me deu bola / Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver / Nenhuma lição, não havia lugar na escola / Pensaram que poderiam me fazer perder / Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta / Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu / A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa / Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu / Será que deu pra entender a mensagem? / Se ligue no Ilê Aiyê / Se ligue no Ilê Aiyê / Agora que você me vê / Repare como é belo / Êh, nosso povo lindo / Repare que é o maior prazer / Bom pra mim, bom pra você / Estou de olho aberto / Olha moço, fique esperto / Que eu não sou menino. (Lazzo Matumbi - 14 de maio)

Esse é um trecho do show de reabertura do Teatro Castro Alves, transmitido por uma emissora de TV aberta. De outro modo, estávamos na plateia e fomos afetados pela beleza do canto de Lazzo, que nos desloca para as ruas da soterópolis. Os acordes provocam em nós o desejo de deixar que os nossos corpos se movimentem em dança, remetendo-nos aos shows na Concha Acústica, no Largo Tereza Batista, às festas de largo, ao carnaval.

Percebam que a letra da música parte dos deslocamentos provocados pelo desalento, desamparo, desespero

provocados pela mais profunda exclusão social (*“Zanzei zonzo em todas as zonas da grande agonia/ Um dia com fome, no outro sem o que comer”*) para direcionar os olhares às linhas de fuga, à potência e aos movimentos convocados pelas manifestações artísticas, pelo reconhecimento do bem coletivo (*“Se ligue no Ilê Aiyê/ Agora que você me vê/ Repare como é belo/ Êh, nosso povo lindo/ Repare que é o maior prazer/ Bom pra mim, bom pra você”*).

Para além das vítimas que se tornaram algozes, como no romance de Joaquim Manuel de Macedo intitulado *“As vítimas algozes”*, a canção evoca forças ativas e evidencia pequenos-grandes movimentos emancipatórios desde a nossa ancestralidade.

Conheci Jorge Portugal na escola em que cursei o Ensino Médio. Não foi professor da minha turma, mas recordo de vê-lo passar pelo pátio, calçando sapatos vermelhos. Eu pensava: *“Que professor usa sapatos vermelhos?”* A cor dos seus sapatos expressava o, micro resistências, microfissuras das convenções. Era um professor-artista. A canção que ouvimos é criação artística, emancipatória, que chega ao mundo por meio do encontro de dois baianos. Dois homens, assim como aqueles que vi na rua empunhando apelos aos passantes.

Sob inspirações nietzschianas, sem qualquer pretensão de romantizar esse grave problema social, a fome poderia ser interpretada como *“vontade de potência”*, da potência de existir. Nesse caso, as nossas buscas pela saciedade não seriam meros efeitos de uma necessidade fisiológica. A nossa andarilhagem seria movida pelo desejo de ser mais.

O professor Roberto Sidnei Macedo nos fala sobre *“o flâneur e a formação caminhante e curiosa”*, apontando o caráter edificante do ato de caminhar *“como uma construção em si”*.

Caminhante curioso, de curiosidade aguçada, o flâneur busca a realização pelo deslocamento para experimentar novas paisagens, para buscar contrastes e aprender olhando, passando, perguntando, experimentando, tocando, sentindo o gosto, ouvindo histórias as vezes nunca narradas. A viagem é o seu método e dispositivo de formação preferido; parar em lugares imprevistos para que a diferença se lhe apresente e o crescente, é a sua paixão de aprendente flâneur. (MACEDO, 2010, p. 148)

Para esse pesquisador da educação contemporânea, seria imprescindível ao caminhante, *“a reflexividade sociológica e epistemológica no sentido da desnaturalização e desfatalização do mundo social”* para a formação cidadã, acolhedora das diferenças. Assim, *“como um re-imaginador do mundo”*, caberia ainda ao caminhante a produção de textos (Ao que eu acrescentaria: músicas, poesias, esculturas, pinturas, gestos e outros atos criadores *do e pelo* mundo). E assim, poderíamos afirmar que os *“Jorges”* - Portugal e Amado - foram caminhantes.

Sob inspirações claricianas, voltemos olhares analíticos à infância do velho-menino. O menino que encontrava ovos e frutas pelo caminho (LISPECTOR, 1977).

As galinhas emprestavam o seu corpo à passagem das forças constitutivas, forças afirmativas de criação e manutenção da existência encarnada. Ao andarilhar, as galinhas punham os seus ovos pelo terreno, onde também estavam as árvores. E, assim, de alguma forma, galinhas e árvores contribuíam para o fortalecimento dos corpos dos nordestinos meninos, cuja vida, há tão pouco tempo iniciada, poderia então continuar. Galinhas que um dia foram ovos de outras galinhas, árvores que um dia foram parte dos frutos de outras árvores. Enquanto brincavam e andarilhavam pelo mundo, os meninos encontravam aquilo que propiciava a sua permanência nele.

Considerando as itinerâncias da formação, seria possível dizer que um professor *“aprende ao ensinar e ensina ao aprender”* e estimular o caminhar. E cá estaria Moraes a nos dizer:

Vou mostrando como sou/ E vou sendo como posso/ Jogando meu corpo no mundo/ Andando por todos os cantos/ E pela lei natural dos encontros/ Eu deixo e recebo um tanto/ E passo aos olhos nus/ Ou vestidos de lunetas/ Passado, presente/ Participo sendo o mistério do planeta. (Moraes Moreira – Mistério do Planeta)

Embora fosse um andarilho, o meu pai não me encorajava a ser professora. Ele queria que eu cursasse Direito e dizia: “Minha filha, aqui uma professora não tem dinheiro nem pra comprar uma carteira de cigarro”! Referia-se ao exercício do magistério na década de 1980, em uma cidade no oeste da Bahia. Parecia querer me poupar da histórica desvalorização desta nossa profissão.

Mas, também foi ele um exemplo de coragem, perseverança, criticidade. Também foi ele um exemplo de vida movida pelo desejo de liberdade. Ante aos mecanismos de opressão, desde as escolas religiosas e a Ditadura Militar, foi ele um inventor de caminhos. Aprendi a caminhar. Como poderia ser diferente?

Para que o conhecimento revolucionário atravessasse os tempos, cá estamos nós! Agora professores. Cuidadosos. Cada vez mais cuidadosos e criteriosos com aquilo que ensinamos para que não nos tornem joguetes das lógicas vigentes.

Lidar com o tempo presente tal como é, tem sido para nós um árduo exercício cotidiano. Mas, esse mesmo tem que nos desafia a encarar o agravamento dos problemas sociais, o desemprego, a fome e o desmonte de políticas públicas, mesmo quando há uma crise sanitária de grandes proporções, convoca-nos também à qualificação da nossa atuação.

Como docentes, é preciso entender que todos os lugares são lugares de passagem. Não podemos temer os deslocamentos que parecem nos ser impostos. Somos caminhantes, o movimento é algo inerente à nossa existência. Contudo, é preciso destacar a potência do apoio mútuo. Enfatizar, que as nossas criações, as nossas produções ressoam no tempo, no espaço, em outros seres e podem promover a invenção de outros modos de estar no mundo. Portanto, cabe-nos reflexivamente interrogar se as forças que lhes dão origem são forças ativas, afirmativas da vida.

Há algumas semanas, tive a alegria de estar presencialmente com um pequeno grupo de alunos em uma reunião de supervisão do estágio com ênfase em Educação Alimentar e Nutricional na prática clínica. Fizemos uma roda de conversa sobre as experiências de formação em todos os níveis de ensino. Ao falar sobre os efeitos paralisantes dos medos e da insegurança, um dos estudantes disse que para ser efetiva, a educação, enquanto processo, precisaria “deixar florir”.

Até hoje penso sobre essa metáfora. “Deixar florir” não poderia ser compreendido como uma atuação passiva, na qual a natureza agiria sozinha e a nós caberia apenas assistir. Nós também somos a natureza! Portanto, conhecer, empregar e ensinar técnicas amorosas de cultivo poderia propiciar o desabrochar, “os desabrochares” (Se me permitem o neologismo). Desse modo, seria possível contribuir para a chegada ao mundo das criações feitas de diversidade. Infinitas cores e matizes, delicadas texturas, surpreendentes aromas, textos, músicas, poesias, esculturas, pinturas, gestos e outros atos criadores (trans)formadores *do e pelo* mundo.

Caminhantes ensinando a caminhar! Educadores-educandos a ressignificar as fomes como fome-vontade de saber, fome-gosto pela vida, fome-desejo de ser mais!

Ao recusar a obediência servil, é preciso inventar modos de resistir às forças que, em vão, intentam a anulação das nossas presenças no mundo. Ao compreender a genealogia dos movimentos contrários à função social, libertadora, emancipadora da educação, é preciso tornarmo-nos lugares de passagem das forças ativas, contribuir para o ser

mais, assumir as lutas, as resistências, apoiar os processos idiorítmicos dos quais fala Barthes: cada um a seu tempo, cada um no seu ritmo (BARTHES, 2003). Diferentes temporalidades dos processos infinitamente diferentes de despertar e ampliação da consciência, promover e sentir a alegria de se perceber aprendendo.

O meu pai era um amante das flores. Gostava de cultivá-las. Vez por outra costumava colher uma delas no quintal para levar consigo sobre a orelha. Andou pelo mundo. Nasci no percurso. Foi um fotógrafo. Ensinou-me a olhar à minha volta atentamente. Ensinou-me a ter a coragem de fazê-lo de modo sensível. Ensinou-me a apreciar as imagens que o mundo a todo tempo produz e a também constituí-las. Era um fotógrafo. Eu etnógrafa. Nós caminhantes. Ora usando sapatos inusitados para subverter a ordem. Ora descalços para sentir o chão.

Dos homens às margens (também) da pista não sei os nomes. Mas, poderiam ser Jorge e Lázaro.

O menino era Paulo Freire.

Referências

ASSUNCAO, G. L; DANTAS, G. A. F. **Demolições, debates e tentativas de preservação: aproximações a partir dos casos de Salvador e Recife (1910-1930)**. Urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana, v. 10, n. 2, p. 387-399, 2018.

BARTHES, R. "Apresentação". In: BARTHES, R. **Como Viver Junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 5-6.

LISPECTOR, C. "O Ovo e a Galinha". In: LISPECTOR, C. **A Legião Estrangeira**. São Paulo: Ática, 1977, p. 81-84.

MACEDO, R. S. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MATUMBI, L. PORTUGAL, J. **14 de maio**. Salvador: Lazzo Matumbi, Vol. 1, 2018.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1990.

ONFRAY, M. **A sabedoria trágica: sobre o bom uso de Nietzsche**. Autêntica, 2014.

PAULO Freire: um homem do mundo. Direção: Cristiano Burlan. Produção: Cristiano Burlan e Henrique Zanoni. SESC - Serviço Social do Comércio. São Paulo: SESCTV, 2019.

VIANNA, H. **Antigamente era assim**. Rio de Janeiro: Record; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.